

## **Cortina em movimento numa tarde nublada<sup>1</sup>**

Pedro CANDIDO<sup>2</sup>

Lídia FARIAS<sup>3</sup>

Taís MONTEIRO<sup>4</sup>

Osmar GONÇALVES<sup>5</sup>

### **RESUMO**

A fotografia “Cortina em movimento numa tarde nublada” explora a noção de imagem enquanto obra de arte, momento único e sublime. Esse sublime encontra-se no banal, no que passa despercebido do olhar mais desatento. A obra procura explorar essa noção do belo onde antes havia apenas o ordinário. A supressão da presença humana física encaminha para um olhar voltado à subjetividade. Pretende-se provocar o olhar mais atento para beleza existente no objeto comum, corriqueiro. Bem como identificar a grande presença humana, deixada em vestígios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; arte; sublime; belo; vestígio

### **INTRODUÇÃO**

Quando a fotografia surge em 1839, os apreciadores e amantes da pintura, enxergaram aquela invenção imagética como uma grande inimiga das Belas Artes. Um objeto mecânico, capaz de produzir imagens conseguidas antes apenas pelas mãos e pinceladas de artistas. Durante muito tempo houve uma verdadeira luta entre os defensores do purismo das telas dos pintores e a “superficialidade” daquela imagem feita de forma mecânica. Defendia-se que a pintura traria nela muito da alma e subjetividade do artista, como nega ARGAN (1992), enquanto a fotografia era apenas um registro concebido graças a um complexo aparato técnico.

---

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria a Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Fotografia Artística.

<sup>2</sup>Líder do grupo e acadêmico do 6º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: phc.publicidade@gmail.com

<sup>3</sup>Acadêmica do 7º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: lidialif@gmail.com

<sup>4</sup>Acadêmica do 3º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: tais.monteiroo@gmail.com

<sup>5</sup>Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: osmargoncalves@hotmail.com

A hipótese de que a fotografia reproduz a realidade *como ela é* e a pintura a reproduz *como se a vê* é insustentável: a objetiva fotográfica reproduz, pelo menos na primeira fase do seu desenvolvimento técnico, o funcionamento do olho humano. Também é insustentável que a objetiva seja um olho imparcial, e o olho humano um olho influenciado pelos sentimentos ou gostos da pessoa; o fotógrafo também manifesta suas inclinações estéticas e psicológicas na escolha dos temas, na disposição e iluminação dos objetos, nos enquadramentos, no enfoque. (ARGAN, 1992, p. 79)

No caso da fotografia apresentada neste trabalho, há a tentativa de aproximar estes dois olhares: o da pintura e o da fotografia, propondo-se enquanto foto artística. Tal fato não seria algo novo. Muitos pintores, como aponta ARGAN (1992) utilizavam a fotografia para produzir suas obras de arte. É o caso de Coubert, um dos defensores da união dessas duas formas de expressão visual.

A fotografia “Cortina em movimento numa tarde nublada” lança-se ao lugar da arte, do olhar sensível, que busca no ordinário o espetacular. Assim como fizeram Monet ao pincelar suas jardins, transformando-os em jardins que não existem em um mundo fora da tela. A impressão carregada de expressão. A obra aqui exposta procura trazer esse lugar comum para um patamar mais elevado, um olhar diferenciado para o que estava renegado.

como normalmente ignoramos esses objetos ou os mantemos na periferia da visão, talvez não os consideramos como temas visuais legítimos dentro do léxico artístico. Estas fotos preservam a realidade da coisa que está sendo descrita, mas seu tema é conceitualmente alterado por causa da maneira como os objetos são representados. Por meio da fotografia, a matéria cotidiana é dotada de uma carga visual e de possibilidades imaginárias que vão além da sua função trivial. (COTTON, 2010, p 24)

A obra busca também explorar a ideia da ausência. A presença humana é sentida pelos vestígios que o mesmo deixa para trás. Assim como o homem do paleolítico, que deixou sua pintura rupestre nas paredes da caverna, o homem do tempo presente, agente direto da fotografia apresentada, deixa suas marcas, indica sua presença. Ele não está lá em corpo, mas em sensação. Como nos fala LOPES (2007), “o sublime no banal”, a beleza que

está contida no que normalmente passa despercebido. As marcas que são deixadas no meio do caminho e que só o olhar mais atento, mais sensível é capaz de reconhecer.

À medida que cada vez mais o grandioso, o monumental pode ser associado à arte dos vencedores, de impérios autoritários, da arte nazista, do Realismo Socialista aos épicos hollywoodianos, é justamente no cotidiano, no detalhe, no incidente, no menor, que residirá o espaço da resistência, da diferença.. (LOPES, 2007, p. 40)

## **2. OBJETIVO**

A fotografia “Cortina em movimento numa tarde nublada” procura ressaltar o olhar do fotógrafo enquanto artista, que observa o mundo pelo prisma da lente de uma câmera e transforma cada fotografia em um trabalho único. diferenciando essa fotografia de algo mais descartável, tão comum nos dias atuais. Tal olhar observa de forma atenta e nostálgica a paisagem notadamente humana, mas mesmo assim desprovida da presença direta do homem. A vida ali está nas cores, nas texturas, no movimento lento de uma cortina feita de “chita”.

A obra integra um ensaio fotográfico que busca resgatar a memória do Bairro Benfica, em Fortaleza, conhecido pela riqueza humana e cultural. De todas as fotos presentes no ensaio, a foto aqui apresentada é a única em que não traz nenhuma figura humana, mesmo assim consegue indicar a sua presença. Memória e ausência, essas duas palavras poderiam descrever o objetivo dessa foto em específico. Ela abre o ensaio citado, funciona como a porta de saída/entrada dessa memória que se faz coletiva.

## **3. JUSTIFICATIVA**

O espaço cotidiano, familiar, habitado e percorrido constantemente pelo ir e vir das pessoas acaba passando despercebido. A sala de estar, o quarto, a rua em frente a janela, tudo vai sendo deixado para trás em nome do tempo presente que não deixa de passar. A cortina de “chita” descuidadamente pendurada, a porta entreaberta e pintada com tintas que sobraram de alguma obra mais importante, o olhar desenhado atrás das grades. Esse é o cenário da fotografia que se pretende artística. Somente quando o olhar desatento para o

real e observador desse pequeno sublime, como nos fala Lopes( (2007), paralisa a paisagem como o pintor que dá pinceladas sobre a tela branca, é que enxerga-se a beleza escondida no ordinário.

Trata-se da possibilidade de uma experiência de beleza que emerge de um cotidiano povoado de clichês, implica repensar o banal. Essa experiência se situa de forma tensa entre a dimensão transgressora e transcendental do sublime associado ao grandioso e do belo, marcado pelo agradável, convencional. Consideramos o sublime e o belo não como pares opostos, mas como complementos, gradações de uma mesma experiência.' O sublime no banal está no meio do caminho entre o belo e o sublime. Do belo tem a modéstia, a luminosidade, a delicadeza; do sublime, tem a não-convencionalidade, a não-submissão à racionalidade numa tradição romântica. (LOPES, 2007, p. 42)

A riqueza da “Cortina em movimento num dia nublado” não está apenas na camada mais visível, nas cores vivas e quentes, nas linhas que se entrecortam ou nas formas de todos os tipos que compõem o que está diante dos nossos olhos. É o olhar subjetivo que enriquece a obra de arte. A cortina que se move ao vento parece convidar quem observa a entrar, a desvendar o escuro que permeia o fundo, a tentar encontrar a figura desconhecida que deixou suas pegadas no mundo visível.

É com base nessa tênue relação entre visão do observador e a coisa observada que podemos estabelecer paralelos entre a antropologia e a fotografia, e também mostrar como a imagem elaborada com determinados cuidados complementa essa comunhão. Essa imagem acontece quando o observador está atento às coisas que observa. A experimentação de certos sentimentos que o outro nos desperta em momentos da pesquisa pode transformar-se num apoio importante para a antropologia e para um conhecer mais aprofundado do grupo. Da mesma forma, a fotografia, como um meio de expressão, pode nos fornecer uma visão ampliada das coisas alheias. (ANDRADE, 2002, p. 26)

#### **4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A fotografia apresentada no seguinte trabalho faz, inicialmente, parte de um ensaio fotográfico que buscava resgatar a memória de um bairro rico de matéria humana, localizado em Fortaleza-CE. A imagem serviria como abertura do ensaio, na qual a presença humana se mostrava de uma forma implícita, propondo ao observador um questionamento quanto ao espaço comum e ordinário. Ela foi feita durante o primeiro dia dos fotopasseios do quais o ensaio seria retirado.

O equipamento utilizado para registro foram câmeras Nikon N80 que possibilitam operá-las em modo manual e lentes grande angular 24 mm para que se pudesse captar uma grande parte do entorno. Os filmes utilizados foram Kodak ISO 400 colorido adequados para a iluminação da cidade, sempre ensolarada e permitindo a captura de momentos rápidos e expressões únicas. A escolha por uma câmera analógica foi devido ao fato de dar mais foco ao olhar, já que acreditava-se que de tal modo há uma maior cuidado e atenção perante aquilo que se fotografa. Os registro fotográfico ocorreu no primeiro semestre de 2011, fruto dos trabalhos realizados em um grupo de fotografia ligado a Universidade Federal do Ceará.

## 5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A fotografia “Cortina em movimento numa tarde nublada” é uma fotografia avulsa, resultante do foto ensaio ‘Benfica Por Onde Flor’, que faz parte de um trabalho acadêmico sobre o bairro Benfica-Fortaleza e os arredores da Universidade Federal do Ceará – UFC.

O objetivo primário do trabalho era a busca do olhar no cotidiano e no urbano da cidade. A fotografia foi tirada com a velocidade alta, cerca de 1\120, para captar o momento do levantar da cortina. Carrega uma carga estética de cores fortes e pulsantes. fotografia tirada em uma tarde de *flâuner*, tem linhas que se entrecortam, e a composição de sombra no adentrar da porta, dá uma ideia de entrada, convidativo à subjetividade. Com a intenção de chamar o espectador para o sublime, o olhar desloca-se para a intervenção urbana do rosto na parede ao lado da cortina.

## 6. CONSIDERAÇÕES

Estamos hoje, como aponta Lopes (2007) diante de um excesso informacional. São milhões de conteúdos lançados no espaço/tempo, sem que hajam filtros, sem que o

consumidor de toda essa informação possa parar para sentir o que está absorvendo. A fotografia aqui apresentada faz uma tentativa de parar para observar aquilo que passa despercebido diante dos olhos, assim como Monet sentava em seu jardim e pintava por horas a paisagem que estava diante de si. O que se propõe é a beleza contida no momento e lugar mais cotidiano possível. O sublime pode estar em qualquer lugar.

Seria o sublime, portanto, um enobrecimento do banal, dar ênfase, foco ao que não tem? Sem dúvida, o sublime se situa no quadro em que a arte foi se tornando cada vez mais um conceito ampliado e complexo, em que a beleza se afastou de objetos específicos. Tudo pode ser belo, mesmo um cadáver, como no famoso poema de Baudelaire. Qualquer coisa pode ser arte, como nos impactou Duchamp. Todo mundo pode ser artista, como reafirmaram os punks. O sublime pode estar no grotesco desde Victor Hugo...até no abjeto, como quando a protagonista de *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector, engole uma barata. (LOPES, 2007, p. 44)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, EDUC, 2002.

COTTON, Charlotte. *Fotografia como arte contemporânea*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GOMBRICH, Ernst H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LCT, 1995.

KOSSOY, Boris. **Realidade e ficção na trama fotográfica**. São Paulo, Ateliê Editirial, 2002.

LOPES, Denilson. **A delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: FINATEC, 2007.